

## Remanescentes, na Bahia, do estilo barroco: talha e alfaias

Não foi um incêndio, a cujas funestas conseqüências deve a cidade do Salvador a perda de sua jóia mais preciosa em arquitetura civil, o Paço do Saldanha, nem um abalo sísmico, destruidor inconsciente de outras gemas de alto preço, em países do Oriente e do Ocidente, nem ainda os famigerados cupins, os responsáveis pela queda lenta e dolorosa do Império do Barroco, nesta, para nós baianos, velha Cidade do Salvador, onde aquêles lusos intemoratos e audazes o fundaram para a exaltação da Pátria longínqua.

A culpa no caso, e grande culpa, se deve única e exclusivamente à ignorância, de braços dados com o prurido do nôvo.

Dêsse modo, êrro gravíssimo se consumou no Século XIX, na Bahia, com a dilapidação, em grande parte, da exuberante talha barrôca e das famosas alfaias de nossas igrejas, que atestavam a perícia dos artífices vindos de além-mar ou aqui nascidos. E foram tantos!

Das três importantes igrejas, que tiveram suas construções iniciadas na segunda metade do Século XVII — Misericórdia, Jesu-

tas e Santa Teresa —, sòmente a do antigo Colégio de Jesus, hoje Catedral Basílica do Salvador, não sofreu mutilações graves, conservando, com pequenas mudanças e acréscimos, suas primeiras obras de arte.

A da Misericórdia perdeu a talha primitiva da capela-mor, sua pintura inclusive, os assentos de charão prêto com frisos de ouro, destinados aos mesários, a grade de jacarandá, que separava a nave da capela-mor e outras preciosidades.

Da de Santa Teresa, a mais prejudicada, desapareceu, completamente, o retábulo da capela-mor. Quanto aos dois altares, que a ladeiam, seus retábulos foram substituídos por novos, no Século XIX. Podemos avaliar como seriam, observando a beleza das quatro capelas da nave, duas de cada lado, jóias engastadas num escrínio em tudo digno delas.

Há casos piores, como o da igreja da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo, destruída num incêndio, em 1788, quando o fogo consumiu um conjunto dos mais notáveis, a julgar pelos contratos firmados com excelentes artistas plásticos.

Construídas na primeira metade do Século XVIII, as da Ordem 3.<sup>a</sup> de São Francisco, da Saúde, de São Domingos, do Bonfim, do Passo e outras foram vítimas do imperdoável crime de lesa-arte — reforma total de suas obras de talha.

Mas era grande, muito grande mesmo, o patrimônio acumulado nos Séculos XVII e XVIII, para que tudo se extinguisse sem dei-

xar vestígios. Há remanescentes preciosos, mesmo nas igrejas que foram despojadas da talha graciosa, pontilhada de anjos, de aves fabulosas, de pâmpanos e de margaridas, de sanefas de bicão, fôlhas de acanto e conchas estilizadas.

Na crise infeliz da doença do nôvo, muitas peças foram poupadas, providencialmente, para que os pósteros avaliassem à justa o que foi o Império do Barroco, nesta velha primeira Capital da América Portuguesa.

Entre o que escapou, reputamos do maior interesse, para dar uma idéia aproximada do que teria sido o interior da igreja da Ordem 3.<sup>a</sup> de São Francisco, antes da reforma radical iniciada em 1827, os dois medalhões pintados e ricamente moldurados, que se encontram entre os altares de São Francisco e de Santa Isabel de Hungria, lado da Epístola, e entre os de São Domingos e de Santa Isabel de Portugal, lado do Evangelho. Seus autores não são conhecidos. Não sabemos se exageramos dizendo que a beleza das pinturas corre parelha com a riqueza das molduras. Umas completam as outras.

Na principal dependência dessa igreja, o consistorio, as sucessivas administrações conservaram o altar barroco, vindo de longe, mas sôbre o qual o Arquivo da Ordem nada esclarece. Também de seu teto apainelado, com flores e cachorros dourados e vinte painéis, obras características da primeira metade do Século XVIII, infelizmente não conhecemos os

autores. Entretanto, vem a propósito informar que, em 1738, a Ordem 3.<sup>a</sup> pagou ao pintor Antônio Roiz Braga a importância de 200\$000, “do ajuste de toda a obra q. fez de seu officio nesta Veneravel Ordem”.

Sem condições para afirmar que a pintura desse teto estivesse incluída no pagamento de 1738, julgamos oportuno lembrar que o mesmo pintor luso executou, em 1733, épocas aproximadas, a pintura do teto da igreja da Misericórdia, obra vultosa, conforme se deduz do contrato, por isso mesmo bem mais cara.

De outro templo, levantado na primeira metade do Século XVIII — 1731 — o da Ordem 3.<sup>a</sup> de São Domingos, último a se despojar da preciosa talha barrôca de seu interior, resta, entre outras, a peça monumental de sustentação da grade da escada, que leva ao consistório, sem similar na Bahia e talvez mesmo no Brasil. A propósito das obras de ampliação das dependências desta igreja, realizadas na segunda metade do Século XVIII, e concluídas em 1798, diz o Arquivo . . . . . “huma maravilhosa escada e corredor que tem no sentro correspondente também as tribunas com huma claraboia no meio, e no fim do q.<sup>o</sup> se acha a Torre”. . . . .

A peça em aprêço, por si sómente, justifica uma visita ao referido templo. Acontece que há outras peças provando que o barroco imperou, de fato, na igreja dos 3.<sup>os</sup> Dominicanos. Entre elas, vale como prova o sacrário primitivo da capela-mor, que se en-

contra, atualmente, na chamada Capela das Almas, em virtude de seu estilo não se ajustar ao conjunto neoclássico atual.

Não nos cabe escrever sobre pintura, nesta breve comunicação. Entretanto, é difícil falar na igreja dos 3.<sup>os</sup> Dominicanos sem encarecer a importância da pintura de seu teto, em tudo rival àquela que José Joaquim da Rocha executou na igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, entre 1773-1774.

De outra igreja, lamentavelmente mutilada no seu interior, a do convento do Carmo, restam do passado esplendor as grades torneadas e as estalas de jacarandá claro, onde se vêem carrancas e colunas salomônicas do melhor efeito. Ficou intacta a sacristia, das coisas belas que o Século XVIII nos legou. Pequena no tamanho, rica em arte do teto ao piso. Sente-se em tudo a preocupação de manter uma harmonia perfeita. Lavabo e altar de mármore policromo inspiraram duas das melhores telas do nosso grande Presciliano Silva, que houve por bem transportar para a tela peças de tanta beleza. Impressionam, favoravelmente, as paredes dessa sacristia saturadas de elementos do rococó, entre painéis de bom pincel. Não é menos importante o arcaz de jacarandá com puxadores de bronze cinzelados a mão.

Das igrejas do Bonfim, da Saúde, de Sant’Ana, do Passo, do Rosário do Pelourinho, de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, do Rosário de João Pereira,

do Pilar e outras, tôdas levantadas no Século XVIII, não ficaram vestígios do barroco, em se tratando de obras de talha. Escapou, de algum modo, a de Nossa Senhora do Pilar, cuja sacristia foi poupada, quando da reforma total da capela-mor e altares da nave. Construção somente concluída no último quartel do Século XVIII, conserva, não obstante, a influência do rococó, do último período do barroco, tanto nos azulejos como nas molduras dos painéis por cima do arcaz. É um belo conjunto que urge preservar.

A igreja da Misericórdia perdeu, como dissemos anteriormente, as primitivas obras de talha de sua capela-mor, mas conserva as executadas em 1774 pelo entalhador português Antônio Rodrigues Mendes, no estilo ainda vigente. Também a sacristia e o salão nobre conservam suas antigas obras setecentistas, merecendo destaque especial o arcaz de jacarandá, peça notável que se deve ao marceneiro português Luís da Silva Ferreira.

Reconhecemos que é uma dissertação cansativa a que estamos fazendo para dar à gente ilustre que nos visita uma notícia aproximada dos remanescentes do barroco, nesta cidade por êle dominada, pacificamente, durante um período longo e áureo.

O velho convento do Destêrro não escapou à febre dominante de renovação. Em 1844 iniciou-se, pela capela-mor, a destruição do que vinha de muito longe, pois datava de 1695 a obra do

retábulo, contratado com o entalhador Antônio Dias Cabaço, pela importância de 700\$000. Nada escapou no interior da igreja para lembrar o passado a não ser o sacrário, modelo requintado do barroco. Na sacristia ficaram alguns vestígios, que se recomendam à atenção dos estudiosos: a pintura do sôro e o lavabo de pedra.

Em muito boa hora, pouparam as excelentes obras do côro de cima, que foi restaurado em 1862, conservando as características antigas, incumbindo-se dessa tarefa o entalhador Simplicio José da Silva.

Há mais que ver e admirar no interior do convento do Destêrro, merecendo destaque a capela fronteira à cela de Madre Vitória da Encarnação. Trata-se de um conjunto composto de três nichos, ocupados por antigas imagens, tudo no mais apurado estilo setecentista. Sob o altar, encoberto pelo frontal caprichosamente lavrado, encontra-se grande imagem do Senhor Morto. No arquivo do convento não se encontram referências aos autores das obras de arte desta bonita capela, mas sim ao custo das obras e à religiosa fundadora, falecida em 29 de agosto de 1758. Ao visitante esclarecido não passarão despercebidos outros remanescentes do barroco, entre muitos objetos espalhados pelo mais velho convento para religiosas no Brasil.

Certo, não pretendemos esgotar o assunto, muito vasto para uma simples comunicação. Assim sendo, passamos a destacar o que há,

em conjunto, de maior importância no estilo em estudo.

Na antiga igreja do Colégio dos Jesuítas encontram-se mostras excelentes da exuberância do barroco, em suas várias manifestações artísticas — imagens, pinturas, talha.

Segundò o Padre Serafim Leite<sup>(1)</sup>, fazia-se, em 1722, a capela de Nossa Senhora da Conceição, que se situa entre os mais antigos exemplares do barroco ainda existentes. Outras capelas desta igreja majestosa apresentam altares de arrojada concepção, e neste número o de Santa Úrsula, que conserva o frontal primitivo, fato que o valoriza.

Não é menos notável a capela de Sant'Ana, em construção em 1733, ricamente decorada, atestando o poderio dos Guedes de Brito, seus doadores.

Para tanto esplendor, contava a Companhia de Jesus com artistas de valor, entre os quais o Padre Serafim Leite cita o entalhador Domingos Trigueiros, os pintores Carlos Belville, Francisco Coelho, além de escultores egrégios.

Outras mostras vigorosas do barroco, dignas de reparo, são os altares dos grandes vultos da Companhia — Santo Inácio e São Francisco Xavier.

Nem há necessidade de dizer mais para encarecer a presença do barroco, nesta mole imensa que os jesuítas levantaram, num atestado de seu grande prestígio entre os homens de prol dos Séculos XVII e XVIII. Vale, porém,

observar cuidadosamente o grande teto artesoadado, onde permanece o brasão da Companhia, lembrando aos pósteros aquêles que abriram os caminhos da instrução, da cultura e da fé nas terras do Brasil. Vale ainda identificar nesse teto os símbolos dos quatro Evangelistas, entre a profusão de florões dourados.

Mostra das mais belas do barroco encontra-se na igreja do Convento da Lapa — retábulo da capela-mor — executado, em 1755, pelo entalhador Antônio Mendes da Silva. Dêste excelente toreuta perderam-se as obras feitas para as igrejas da Misericórdia, de São Domingos e do Bonfim. O exemplar salvo do vandalismo do Século XIX é um atestado de sua perícia. Não lhe conhecemos a naturalidade, mas podemos informar que era familiar do Santo Ofício e irmão da Santa Casa de Misericórdia. Seu falecimento ocorreu em 20 de agosto de 1763: a obra magnífica de Antônio Mendes da Silva foi alterada em 1935, com a substituição do primitivo sacrário, em harmonia com o conjunto, pelo atual, de mármore. Conservou-se, felizmente, a porta de prata do antigo, obra do ourives Joaquim de Sant'Ana e Almeida.

Quanto à igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, construção iniciada em 1739, embora inaugurada em 1765, muito restava que fazer no seu interior, tanto assim que o pagamento de suas obras mais importantes — pintura e retábulo da capela-mor

— sòmente se efetuou em 1773-1774.

Esta igreja monumental fala muito alto dos artistas plásticos, aqui nascidos ou domiciliados, entre os quais José Joaquim da Rocha, autor da notabilíssima pintura do teto da nave, Domingos Luís Soares, dourador, João Moreira do Espírito Santo, autor do imponente retábulo da capela-mor, e Lourenço Rodrigues Lançarote, autor das obras da capela do Santo Cristo, oferta do rico armador Francisco Borges dos Santos.

Como tôdas as igrejas baianas construídas no mesmo período, a de Nossa Senhora da Conceição da Praia não podia fugir ao estilo dominante — o barroco. As colunas salomônicas, enroscadas de grinaldas de flôres, as cariátides, as sanefas e tantos elementos próprios se harmonizam para dar ao espectador uma impressão de grandiosidade sóbria.

Infelizmente, algumas modificações descabidas alteraram o aspecto da capela-mor, nos últimos anos do Século XIX, quando a irmandade responsável pela igreja resolveu substituir a banqueta e o altar de madeira pelo conjunto atual de mármore, procedente da Itália. Simultaneamente, contratou-se a feitura de um nicho para a imagem da Padroeira com o entalhador Galdino Francisco Borges, e a douramento com o dourador Vitorino Eduardo de Oliveira. Estas obras ficaram prontas em 1891.

Chegamos ao ápice de nossa peregrinação. Estamos na igreja de

São Francisco, a obra-prima do barroco nestas bandas do Atlântico.

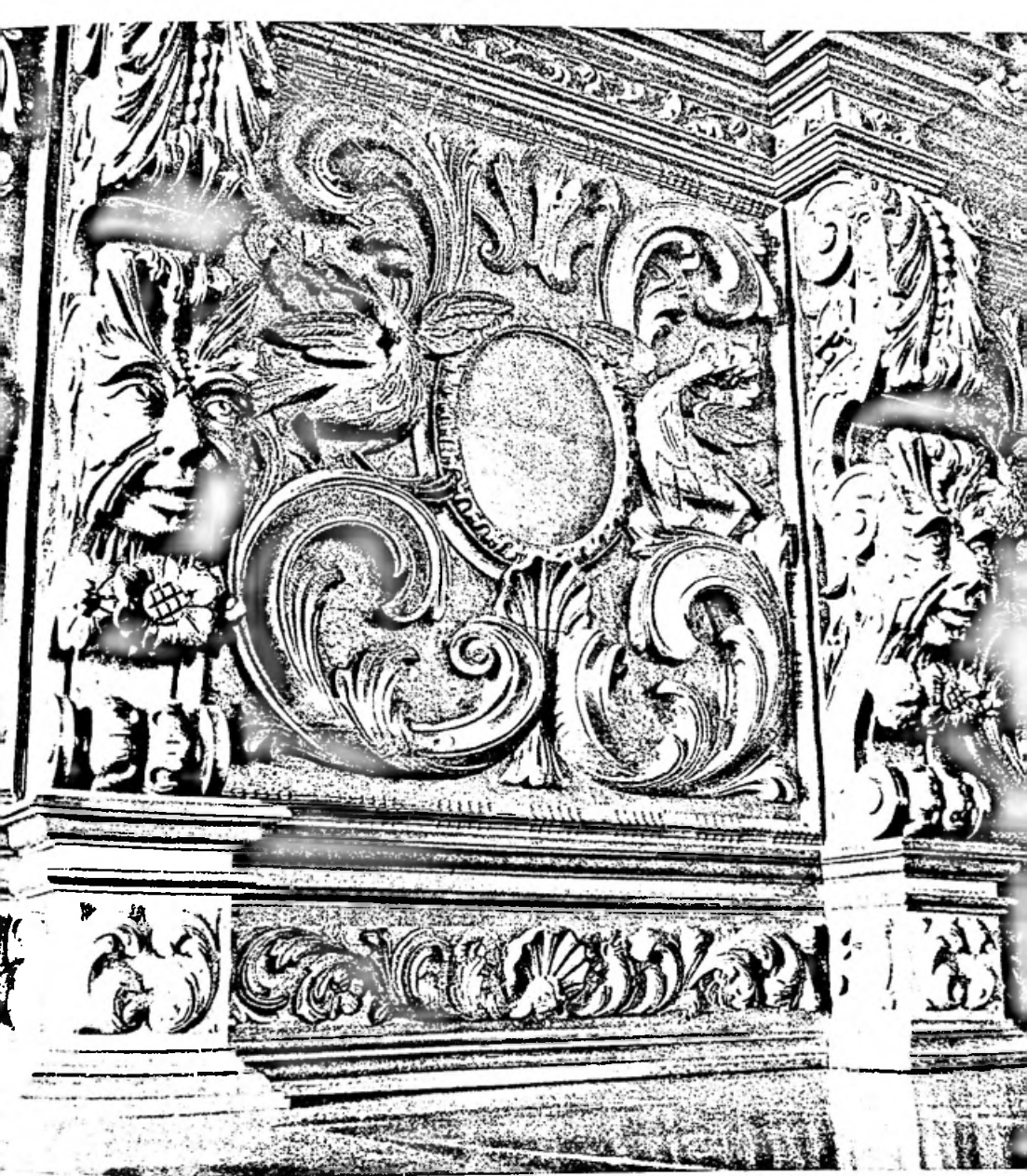
Construção iniciada em 1708, e continuada por muitos anos mais, conseguiu o milagre de manter suas obras de arte, até os nossos dias, com pequenas alterações, que não prejudicam a unidade do estilo.

Seu interior é um delírio ornamental, mas dosado com tanta felicidade que não ofende a vista, antes nos leva a bendizer as mãos que realizaram tantos primores. Omitiram os nomes dos artistas seus autores, aquêles que acompanharam a construção, como é o caso de Jaboatão, estudante na Bahia, enquanto o cedro de nossas matas se transformava nas colunas torsas, nos anjos, nas aves, nas fôlhas de acanto, nas conchas, e o Irmão Luís de Jesus esculpia as figuras e as grades de jacarandá com seus frisos delicadamente trabalhados.

É difícil dizer o que mais impressiona no conjunto dessa igreja, do teto da grande nave ao piso da capela-mor, à maneira de alcáçofa. Os púlpitos, o teto da capela-mor são dignos de referência especial.

Sabemos que o barroco sempre teve malsinadores. Acreditamos, porém, que muitos mudariam de opinião depois de demorada visita ao grande templo baiano e às suas dependências, a mais belas das quais a capela do capítulo.

Sobre esta capela, cuja data de construção é desconhecida, disse Jaboatão, em *Nôvo Orbe Seráfico Brasilico*: "Na quadra que corre



Luis da Silva Ferreira: pormenor do arcaz (1723) da sacristia da igreja da Misericórdia.



Autor desconhecido: sacrário de prata do Século XVIII, igreja do Convento do Destêrro.





Igreja de Nossa Senhora do Pilar: altar da capela-mor (1829), obra de Joaquim Francisco de Matos; painéis de José Teófilo de Jesus (1834).



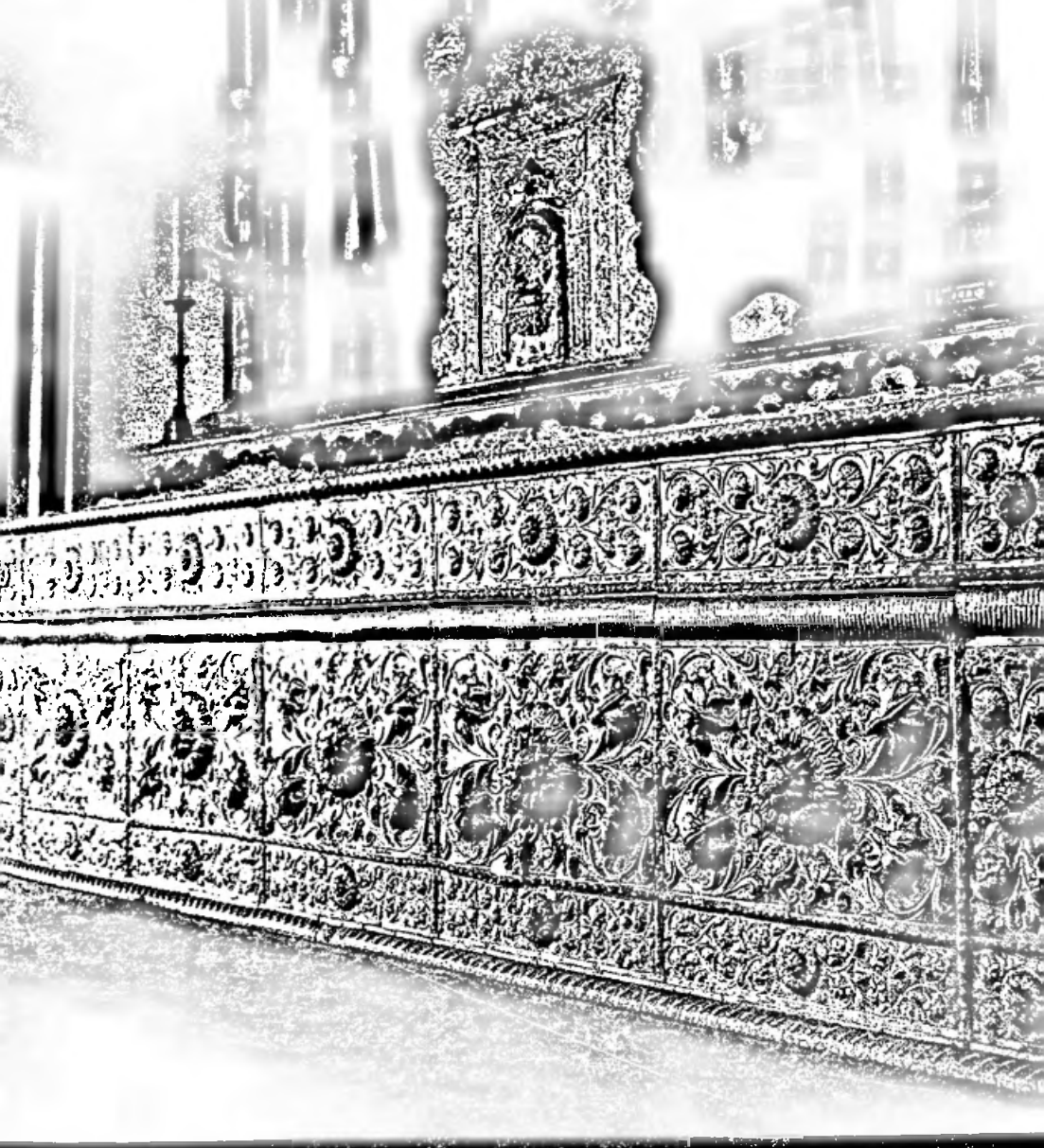
Sacristia da igreja do Convento do Carmo



*Manoel Alvares da Paixão: cruz e castiçais da banqueta (1814) da igreja do Pilar.*



Convento de São Francisco, altar da Sala do Capítulo.



Igreja do Convento do Carmo: frontal de prata da capela-mor, obra de Caetano Mendes da Costa, de 1731.

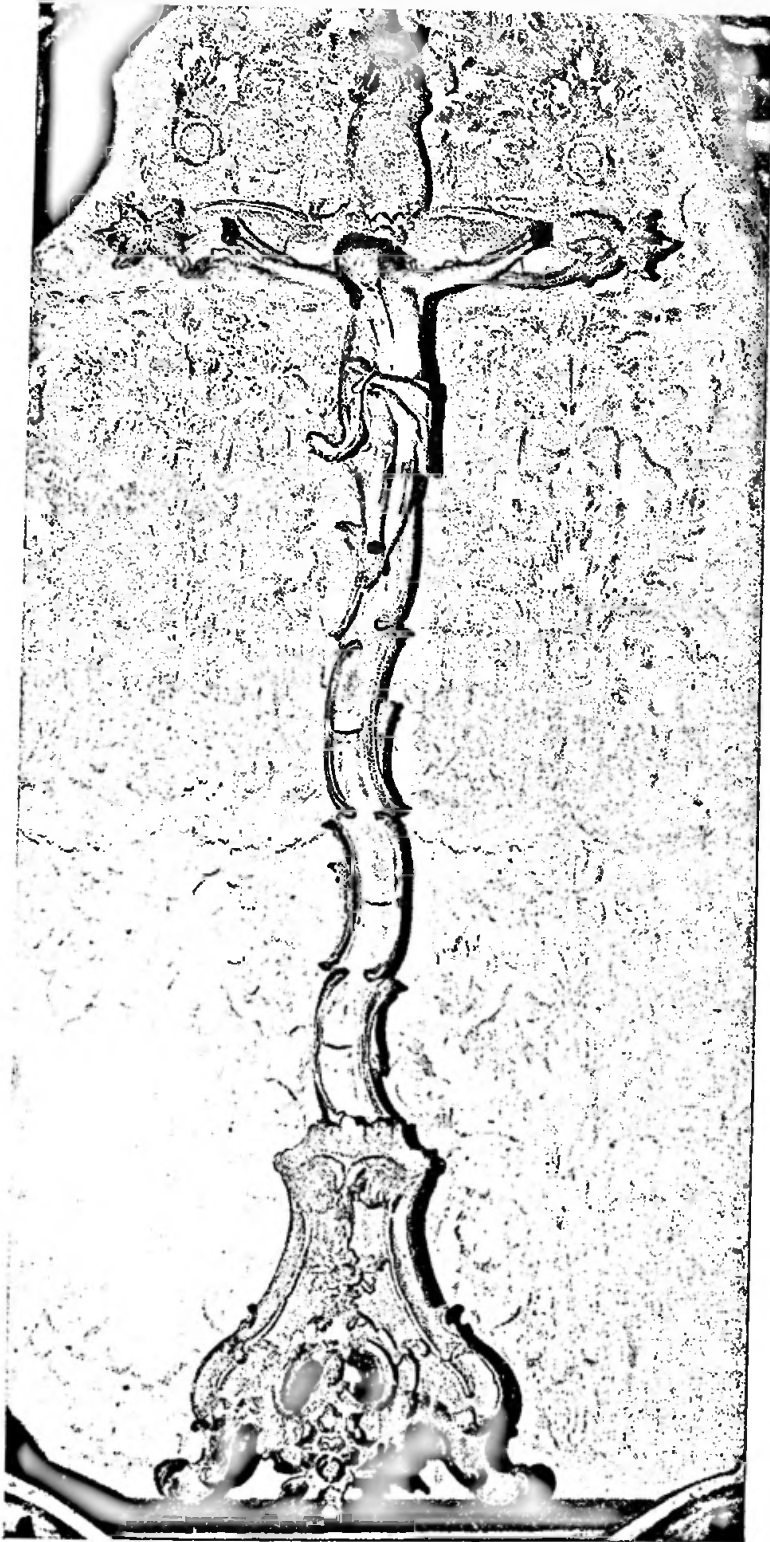


Imagem de Cristo existente na sacristia da igreja de Nossa Senhora do Pilar.

ao entrar da portaria a mão direita, está no meyo a capellinha do capitulo, com portada de arco de pedra, e grades de madeira, com balaustre de torno, e pilastras de talha, que servem de porta. He consagrado o seo altar à Senhora com o titulo da Saude. Tem retabulo de talha, forro de molduras, com payneis de bom pincel, como tão bem pelas paredes, e tudo dourado com a maior perfeição, e ornato de altar, a expensas de pessoas devotas”.

Não ocorreu ao cronista da Ordem Franciscana revelar os nomes dos autores dessas maravilhas, brotadas sob suas vistas. Limitou-se a citar Manoel Quaresma, mestre pedreiro responsável pela contrução, e o Irmão Luis de Jesus — o Torneiro. É imperdoável, em se tratando de um cronista.

Bem haja a Ordem Franciscana por todo êsse conjunto de beleza legado à Bahia — convento e igreja de São Francisco — redutos do barroco, que desejamos atravessasse os séculos com o mesmo esplendor de nossos dias.

A fama da riqueza das alfaias das igrejas baianas chegou ao Seculo XX envôlta nas roupagens da lenda. Há muito de verdade e alguma fantasia nessas estórias, entre as quais a das famosas estátuas dos Apóstolos, de ouro maciço, pertencentes ao tesouro da Companhia de Jesus.

Pelo inventário procedido em 25 de janeiro de 1760, pelo Escrivão da Ouvidoria Geral do Crime da Relação da Bahia, Miguel

Caetano de Abreu, vê-se que era realmente vultoso o tesouro acumulado em dois séculos de atividades profícuas, na Bahia, pelos filhos espirituais de Santo Inácio. Não consta da imensa relação de alfaias riquíssimas estátuas de ouro, nem se admite que fôssem enterradas. Mistério existe, e grande mistério, no destino dado a tanta preciosidade em ouro e prata.

Acontece que, pesquisando no arquivo do convento da Lapa, deparamos, entre dezenas de documentos avulsos, dois aparentemente insignificantes, que nos revelaram a existência, no referido convento, de uma âmbula de ouro executada no ano mesmo do decreto da expulsão dos jesuítas, 1759, para o noviciado da Companhia de Jesus. Diz um deles, o mais importante: “Lembrança do recado q. me mandou o R<sup>mo</sup>. Sr.º P.º Reitor do noviciado Ignacio Pestana pelo R<sup>mo</sup>. Sr.º P.º Vigr.º de Matoim João Martins, he o seguinte q. deichasse estar em meu poder a anbola de ouro q. m.ª may avia dado p.ª o d.º Noviciado, e q. elle ainda estava de posse della me service della como m.ª, e q. se acazo o Noviciado tornace ao seu antigo ser q. a restituiria outra vez, e q.º não q. a d.ª anbola he deste conv.º, dice mais q. elle tinha pago do seu trinta mil reis de feitio, q. m.ª may não os avia dado ainda, podem q. elle cedia delles.” (Respeitada a grafia).

No verso se lê: “Sobre a anbola de ouro”.

Não há assinatura, mas a riquís-

sima alfaia tem gravados êstes dizeres na base: "Donum Piae Ioannae do Nascimento de Iesu Anno 1759".

D. Joana era mãe da abadessa Soror Josefa Clara de Jesus o que nos habilita a dizer que a referida "Lembrança" é do punho da própria abadessa.

Trata-se de uma peça no estilo D. João V de impecável execução, feita na Bahia. Seu autor não foi revelado, entretanto, assumimos a responsabilidade de informar que sua execução se deve ao ourives português Manoel Soares de Madureira, a quem as mesmas senhoras — mãe e filha — incumbiram de fazer, em 1759, uma grande custódia de prata, a primeira, e um relicário, a segunda. Custo da custódia: 807\$340, preço muito elevado para a época.

Quanto ao relicário, para se aquilatar seu valor, vamos transcrever o documento seguinte: "Recebi da Snr.<sup>a</sup> Madre abbadeça da Lapa por húa vês trinta marcos de prata depatacas da Colonia, — mais três marcos e nove oytavas ditas, mais de Ouro onze oytavas e meya de Ouro, mais vinte e três diamantes miudos já servidos, que tudo hé p.<sup>a</sup> fazer hum Relicario p.<sup>a</sup> o dito convento da Lapa e por verd.<sup>o</sup> eter recebido tudo isto lhe pasei este som.<sup>to</sup> por mim aSignado hoje Bahia 14 de M.<sup>co</sup> de 1758 a.

Manuel Soares de Madureira".

Anteriormente, provando as preferências por êste ourives, a mesma abadessa confiou-lhe a execução de uma coroa de ouro para a imagem de Nossa Senhora

da Conceição, disso nos certificando o documento que se segue: "Receby da Snr.<sup>a</sup> M.<sup>o</sup> Abbadeça do conv.<sup>to</sup> de N. Snr.<sup>a</sup> da Conseyção da Lappa, por mão do S.<sup>or</sup> R.<sup>do</sup> P.<sup>o</sup> Manoel Glz' da Cruz, hu crusificio de ouro e húa cor.<sup>to</sup> tudo com o pezo de quarenta e oyto oitavas p.<sup>a</sup> húa corôa e para clareza lhe passey este por mi tão som.<sup>to</sup> asignado na B.<sup>a</sup> aos 13 dias do mes de Outubro de 1758.

Manoel Soares de Madureira".

O saudoso José Valadares, ao fazer o levantamento das alfaias do convento da Lapa, sem conhecimento do arquivo, depois de concluir a descrição da âmbulacitada, acrescentou: "Tem afinidades estilísticas com a coroa de ouro da imagem de Nossa Senhora". Diante disso, não é temeridade afirmar que a Manoel Soares de Madureira se deve a obra de arte, que nos levou a tão cansativa digressão.

Mais importantes do que as alfaias do convento da Lapa, desfalçadas por ocasião da Guerra da Independência com a venda de peças antigas para sustento das religiosas, são as do convento do Destêrro, que superam as congêneres daquele cenóbio, em qualidade e quantidade. Para comprovação, basta que se façam as avaliações intrínseca e estimativa de duas alfaias — o sacrário da capela-mor e a monumental custódia de ouro. Aquêlê, de procedência e autor desconhecidos, em cuja decoração se encontram anjos, conchas, palmas, sanefas de bicão, fôlhas de acanto, flôres, vergôntees e volutas, é requinta-



do modelo do barroco, do início da era setecentista. A custódia, executada na Bahia, em 1807, pelo ourives baiano Boaventura de Andrade, não se enquadra, propriamente, no estilo ora em apreciação, embora sua base apresente elementos rococó.

Mas é impossível arrolar numa breve comunicação centenas de peças de ouro e de prata, que escaparam à doença do nôvo, a que nos referimos, inicialmente.

Perdemos, entre dezenas de preciosidades, as tocheiras da capela do SS. Sacramento da Sé, executadas em Portugal em 1695, pelo ourives Manoel Alvares, alfaias que causaram sensação na Bahia, quando de sua chegada. (Temos cópia de documento a respeito.)

Estas tocheiras pagaram pesado tributo à ancianidade, na última década do Século XVIII.

O estudioso descobrirá, sem necessidade de referências especiais, os remanescentes do barroco, e que surpresa terá visitando o Museu de Arte Sacra, onde verá uma custódia de prata dourada, com mais de 400 pedras entre preciosas e semipreciosas; um altar de prata, obra notável de dois prateiros baianos, o Capitão Joaquim Alberto da Conceição Matos e João da Costa Campos, autores do sacrário e da urna, respectivamente. Época: fim do Século XVIII.

Impossível uma relação de tudo que se encontra no referido museu, no particular de alfaias e obras de talha.

No convento do Carmo, o visitante se surpreenderá com a riqueza do frontal do altar-mor, de que é autor Caetano Mendes da Costa, datado de 1731. Deixamos à margem outras preciosidades.

Na igreja de São Francisco, salta aos olhos do visitante a grande lâmpada de prata, pendente do teto da capela-mor, régia oferta do Capitão Antônio André Tôres, entre 1758-1761.

Há uma infinidade de tocheiras, castiçais, sacrários, âmbulas, cálices, lâmpadas, cruzes e lanternas, turíbulos e navetas, caldeirinhas de água-benta de impossível enumeração, que se encontram nos conventos e nas Ordens 3.<sup>as</sup> do Carmo, de São Francisco e igreja de São Domingos, na Santa Casa de Misericórdia e, muito especialmente, nas paróquias de Nossa Senhora da Conceição da Praia, de São Pedro, do Pilar e de Sant'Ana, onde há muito que admirar.

O assunto tornar-se-ia enfadonho, se tratado com minúcia. Não há necessidade, pois, de alongar esta modesta contribuição ao certame, que se realiza num cenário por si mesmo barroco, a começar pelas curvas das praias, onde pululam coqueiros com suas palmas em movimento contínuo — o barroco é movimento — e o ondulado das ladeiras e as linhas sinuosas das velhas ruas são presenças constantes do estilos ora festejado.

É certo que do interior de muitas de nossas igrejas varreram, inadvertidamente o barroco, en-

tretanto éle continuará presente que lhes daria maior relêvo, por nos remanescentes do melhor quilate apontados, sem o colorido nos faltar para tanto "engenho e arte".

*MARIETA ALVES*

1 *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. V.